

ROMBO DA ASEFE

Depoimentos de ex-diretores e auditorias internas confirmam parte das acusações feitas por Firmino Neto na conversa gravada por Marcos Pato. Mas as pessoas mencionadas por ele creditam a gravação a uma disputa política interna

Desvios confirmados

Algumas das acusações feitas pelo ex-diretor financeiro da Asefe, Firmino Pereira do Nascimento Neto, são reforçadas pelos depoimentos de dois ex-diretores da entidade ouvidos pelo **Correio**. Um deles é Ozias Vieira da Silva (sem partido), diretor da associação no Gama durante a gestão de Firmino, Sérgio e Klécio. Ele confirma que recursos da associação foram usados na campanha eleitoral de 1998. Outro que confirma é o ex-diretor administrativo Klécio de Oliveira, um dos principais acusados de irregularidades por Firmino.

“Isso (o financiamento de campanhas) foi feito com dinheiro, serviços e gráficas, como acontece hoje nos sindicatos. Isso é normal”, disse Klécio. Perguntado quem teria sido beneficiado com recursos para campanha, ele mencionou os nomes de Lúcia Carvalho e Agnelo Queiroz. “Eles ajudavam a Asefe”, justificou.

Ozias, que denunciou esquemas de corrupção na entidade em 1999, relata irregularidades não mencionadas por Firmino. “Os diretores recebiam dinheiro que não era contabilizado, havia vários caixas dois e, além disso, a Asefe pagou gastos de campanhas de candidatos do PT”, disse.

Ozias relata que os diretores da gestão anterior — à qual ele, Sérgio, Firmino e Klécio pertenciam — receberam irregularmente cerca de R\$ 25 mil cada um a título de “antecipação salarial”. “Eu não aceitei, mas os outros receberam e teve gente que até comprou carro zero”, acusa.

A acusação de Ozias foi confirmada por uma auditoria feita pela firma HLB Bianchessi datada de setembro de 1988. O estudo mostra uma saída não justificada de R\$ 507 mil em “adiantamento de remuneração da diretoria”.

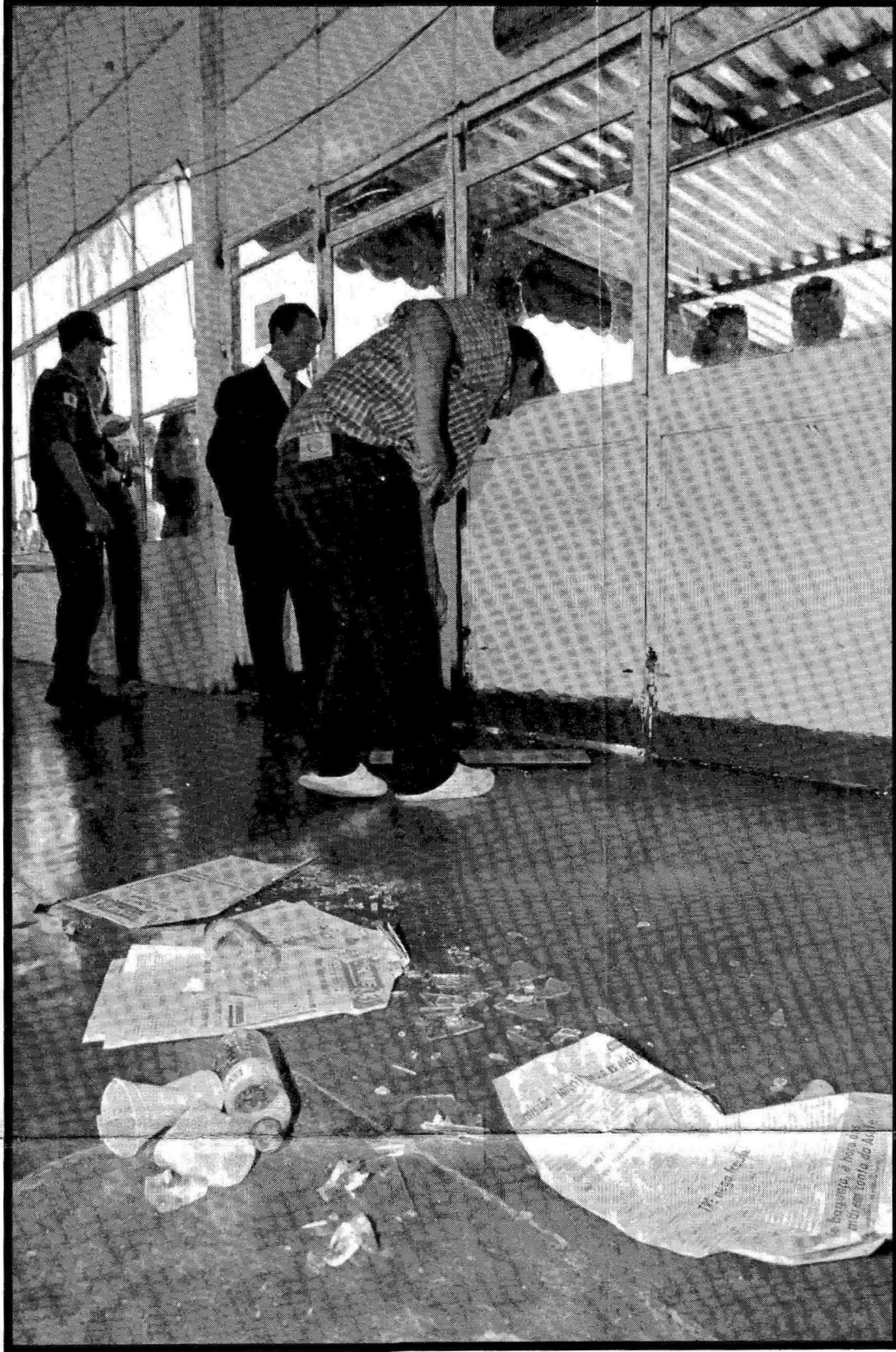
ESQUEMAS

Outra irregularidade mencionada por Firmino na conversa com Marcos Pato é a de que pessoas da Asefe ficavam com parte das indenizações trabalhistas devidas a funcionários demitidos. Evaldo Tavares da Silva, ex-gerente dos restaurantes da Asefe, confirma ter sido vítima dessa modalidade. Ao ser demitido, em 1997, ele pediu o adiantamento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). Mas não recebeu todo o dinheiro. Ficou somente com um adiantamento. (veja facsimile).

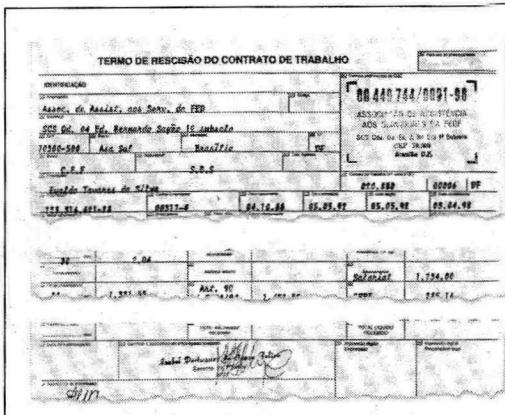
Firmino não forneceu a Pato provas do que disse. Mas muitos dos métodos descritos por ele para desfalcar os cofres da Asefe são confirmados por auditorias e documentos internos obtidos pelo **Correio**.

Um exemplo é a irregularidade na administração do plano de saúde da Asefe. Segundo

Nehil Hamilton 6.1.01



CONFUSÃO NA APURAÇÃO DAS ELEIÇÕES NA ASEFE, EM JANEIRO DE 2001, CAUSAM ESTRAGOS NO CLUBE: ROTINA DE BRIGAS



Firmino, o ex-presidente Sérgio ficava com dinheiro destinado ao pagamento da empresa que administrava o plano de saúde. Um relatório elaborado pela firma Konte Administração e Serviços Ltda, encarregada de administrar o plano Mut-

med da Asefe, confirma um rombo nesse setor.

Em ofício datado de 17 de abril último, o gerente da Konte, Paulo Parente Farias, informou ao delegado Antônio Anapolino, da 1ª DP, que R\$ 5 milhões provenientes dos associa-

PELA METADE

Evaldo Tavares da Silva, ex-gerente dos restaurantes da Asefe, não recebeu toda a indenização trabalhista a que tinha direito quando foi demitido, em 1997. Só recebeu um adiantamento, no valor de R\$ 1.574. “Tenho os documentos guardados em casa para provar”, diz. O adiantamento era no valor de R\$ 1.574,00. Mais do que o salário de Evaldo na época: R\$ 1.400. “Não posso afirmar que alguém ficou com o dinheiro. Mas para mim ele não veio”, garante. Hoje, Evaldo tem seu próprio buffet e trabalha em um hotel.

dos entraram nos cofres da Asefe entre agosto de 1997 e julho de 1999. O dinheiro era para pagar os fornecedores de serviço do plano Mutmed. Só que esse dinheiro sumiu, explicou o gerente. Em agosto de 1999, em vez de ter dinheiro em caixa, o

plano Mutmed devia na praça R\$ 4,3 milhões.

Irregularidades nas prestações de contas dos restaurantes — administrados por Klécio, segundo Firmino — também são confirmadas por auditorias. Uma delas, feita pela firma Bianchessi & Cia Auditores no período de outubro a dezembro de 1997, apontou falta de controle dos estoques dos restaurantes, com aumentos inexplicáveis de compra de produtos de um mês para o outro.

Em 1997, a Bianchessi & Cia Auditores confirmou também irregularidades na distribuição de tickets da Asefe. Segundo Firmino, a liberação desenfreada de tickets era uma das maneiras de financiar campanhas eleitorais. “A falta do controle por quantidades distribuídas, bem como da comprovação da entrega, geram consequências adversas, tais como extravio de tickets, fraudes, uso indevido e distorções nas prestações de contas”, relataram os auditores.

SEM RECIBO

Um relatório interno obtido pelo **Correio**, relativo ao ano de 1998, mostra que a contabilidade da Asefe no período — quando Sérgio era presidente — apresenta saídas não justificadas de dinheiro no valor de R\$ 4,6 milhões. Desse total, R\$ 2,8 milhões estão registrados como “débitos de associados não identificados”.

O atual diretor financeiro, Jorge Eduardo, estranha a existência desses débitos. “Cada associado só pode pegar empréstimo ou tickets depois de pagar a dívida anterior. Por isso essas dívidas não fazem sentido”, disse.

A relação mencionada por Firmino entre o atual presidente da entidade, José Eudes, e o ex-secretário geral, José Elio Toledo, também encontra sustentação em documentos internos. O livro-razão da contabilidade da Asefe, referente ao ano de 1998, tem dois registros de saída de tickets no valor de R\$ 4 mil sob o título “pendência Elio/Eudes”.

Isso quer dizer que Elio, membro da diretoria, avalizara para Eudes, simples associado, uma retirada irregular de R\$ 4 mil em tickets — irregular porque o limite para retirada de tickets equivalia a um terço do salário do servidor. Eudes, funcionário administrativo da Fundação Educacional, precisaria ganhar R\$ 12 mil mensais para fazer uma retirada de R\$ 4 mil em tickets.

A ausência de prestação de contas para pagamentos da Asefe no período mencionado por Firmino também é apontado pelo atual diretor-financeiro. “Encontramos quase R\$ 5 milhões em cheques emitidos e pagos, mas que não têm qualquer justificativa contábil”, disse Jorge Eduardo. (AV e PL)

CONTRADIÇÕES

A CONFISSÃO

Firmino, na conversa gravada por Marcos Pato, admitiu ter usado R\$ 75 mil da Asefe em sua campanha a deputado distrital em 1998, mas disse ao **Correio** que estava “mentindo” quando fez as inconfidências. “Eu sabia que a conversa estava sendo gravada e que era uma armação, por isso falei aquilo e envolvi um monte de gente”, disse. Firmino só não consegue explicar por que confessou ter cometido um crime, se sabia que estava sendo gravado.

GRUPOS RIVAIS

Firmino disse ao **Correio** que envolveu as demais pessoas na conversa, mesmo sabendo que estava sendo gravado, com a intenção de atingir o grupo que, segundo ele, seria aliado de Pato, Jorge e Omar. Mais uma contradição. Os acusados pertencem a grupos rivais. Por exemplo, Klécio e Sérgio (do PCB), dois dos principais acusados por Firmino, travaram uma batalha contra o grupo de Pato nas últimas eleições da Asefe.

ADVERSÁRIOS

O mesmo pode ser dito em relação aos petistas Lúcia Carvalho, Wasny de Roure, Chico Vigilante, José Eudes e Cristovam Buarque, adversários de Pato dentro do PT. Nenhum deles é aliado a Pato na Asefe ou no Sindicato dos Professores. No governo Cristovam, o Sindicato dos Professores, liderado por Pato, promoveu uma greve de mais de 70 dias que minou a popularidade de Cristovam em 1998, ano eleitoral. “É o contrário. Nós, da Articulação, não somos aliados do Pato”, confirmou o atual presidente da Asefe, José Eudes, a respeito dessa versão de Firmino. Eudes nega as acusações e atribui todo o caso a uma disputa política interna, mesma explicação dada por outros envolvidos.

SEGUNDA FITA

Firmino garante que toda a conversa gravada por Pato foi desmentida por ele em um segundo encontro com o ex-diretor do Sindicato dos Professores. Ele jura que voltou à casa de Pato, dias depois da conversa, e desmentiu tudo, o que teria dado origem a uma segunda gravação, da qual não se tem notícia. “É mentira. Ele não voltou a minha casa e não existe esse gravação”, garante Pato.

DIRETOR

Outro trecho da gravação, classificada também como “mentira” por Firmino, foi confirmado por uma investigação interna. Na conversa, Pato pergunta a ele sobre o ex-diretor Manoel Filho, responsável pelas atividades esportivas do clube. Firmino disse a Pato que Manoel — que ele chama de Manoelzinho — desviou um cheque da Asefe. O **Correio** obteve a ata de uma reunião do conselho deliberativo da Asefe, datada de 8 de maio de 2000, que confirma a informação dada por Firmino. “Foi constatada a veracidade nas denúncias referentes à apropriação indevida de valores e foi aprovada a exclusão do senhor Manoel Filho do quadro de sócios”, concluiu o conselho.

Para acusados, fita é armação

O ex-governador Cristovam Buarque rebateu a acusação de que sua campanha eleitoral, em 1998, contou com dinheiro da Asefe, conforme relatou o ex-diretor da entidade, Firmino Pereira do Nascimento Neto, ao ex-sindicalista Marcos Pato. “Esse cara é louco. Até porque candidato não se mete em nada de campanha. Mas se ele tirou dinheiro da Asefe ele tem de ser preso”.

Os demais políticos mencionados por Firmino na conversa também reagiram indignados ao que disse o ex-diretor financeiro da associação. Um deles foi o deputado federal Agnelo Queiroz (PCdoB), que, segundo Firmino, teve o material gráfico de sua campanha (panfletos, cartazes, santinhos e jornais) financiados pela entidade. De acordo com o ex-diretor, a Asefe

pagava a mais às gráficas por serviços prestados e a diferença se transformava em crédito para o PCdoB, que controlava a diretoria de imprensa da associação.

Firmino afirma também que o PCdoB ficava com parte do dinheiro obtido com a venda de espaços publicitários no jornal da Asefe.

“O PCdoB sempre teve uma participação secundária na Asefe e não tinha poder para participar de esquemas de corrupção com gráficas. Aliás, quem acompanhou a minha campanha sabe que passei semanas sem distribuir panfletos porque não tinha dinheiro”, disse Agnelo. Segundo ele, Firmino envolveu seu nome na conversa com Pato em retaliação ao fato de o PCdoB estar pressionando por uma auditoria na Asefe.

“Esse homem é um bandido. Eu nunca tive relação nenhuma com a Asefe. E estou disposto a ir a qualquer tribunal provar isso”, reagiu o deputado distrital Wasny de Roure (PT), apontado por Firmino como um dos beneficiários do desvio de dinheiro. Segundo o ex-caixa da Asefe, as campanhas eleitorais de Wasny e Lúcia Carvalho (PT) contaram com recursos da entidade.

O ex-diretor financeiro disse ainda a Pato, na conversa gravada, que a professora Isabel Portuguese, ex-gerente de pessoal da Asefe e atualmente na direção do Sindicato dos Professores, tinha participação direta nos desvios. Isabel é ligada a Lúcia Carvalho.

Juscelino Barros da Silva, chefe de gabinete de Lúcia Carvalho,

prometeu processar Firmino. “Não sabemos de nada sobre a Isabel. Mas quanto às acusações contra a Lúcia, ele vai ter de provar”, disse. “Eu não acredito que ele falou isso”, reagiu a professora Isabel Portuguese, que negou envolvimento em qualquer irregularidade.

DESMENTIDOS

Traiano Jardim, presidente local do PCB, também foi acusado por Firmino de usar recursos da Asefe na campanha de 1998. “Eu tive uma campanha pobre. Nunca fui ligado à Asefe. Se ele está me denunciando que apresente provas”.

Traiano foi para a Asefe como assessor do presidente da entidade, Sérgio Rubens Ribeiro, também do PCB.

Para Sérgio, a fita é uma arma-

ção promovida por Pato e Firmino. “Eles são aliados”, garante. O próprio Firmino, que diz ter “mentido” para enganar Pato, desmente. “Eu e o Pato somos inimigos mortais”, jura.

Sérgio ficou indignado às acusações de Firmino. “Eu moro de aluguel e ando de ônibus. Trabalhei como um escravo para tirar a Asefe do buraco, quase perdi minha família por causa disso e agora vem um sujeito qualquer inventar histórias”, diz. Outro diretor acusado por Firmino, Klécio Oliveira, também negou envolvimento em qualquer esquema de desvio de dinheiro da entidade.

O ex-deputado federal Chico Vigilante (PT) teve reação parecida. “Eu o desafio a provar que usei um centavo da Asefe na minha campanha, que foi paupérrima”, disse. (AV e PL)